

# DIÁRIO POPULAR

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Dr. João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 87 — Telefones 23291/2/3 — Endereço Teleg.: «Popular»

## EXIJEM-SE INDENIZACÕES AVULTADAS A TROCO DE PEQUENOS EMPREGOS

Todos os dias recebemos cartas de leitores que sabem encontrar nestas colunas uma tribuna aberta às suas justas reivindicações e reclamações; são os assuntos mais variados, os temas mais diferentes, tratados — tantas vezes! — num tom de angústia e de urgência que a circunstância, expostas nessas cartas, largamente justificam.

## PROTESTO BRITÂNICO CONTRA A DEPORTAÇÃO DOS OPERÁRIOS ALEMÃES

BERLIM, 26. — O informador oficial inglês declarou que alguns cientistas alemães que foram levados para a Rússia pelos soviéticos viviam no sector britânico que os russos cometeram um ato de violência que todo o mundo condena e que é contrário à Convenção Internacional de Haia. Acrescentou que no futuro, quando tais deportações fizerem, a «Kommandatura» deve de ser fundada com antecedência, a fim de que seja permitido aos jornalistas de todo o mundo falarem com os técnicos e as respectivas famílias que estiverem para partir para a Rússia e averiguarem de facto, segundo voluntariamente ou não. — (U. P.)

## A MULHER NO TRABALHO A EXPOSIÇÃO DOS VALIOSOS PRÉMIOS DO NOSSO CONCURSO TODA A GENTE ESTÁ AINDA A TEMPO DE CONCORRER

Já ontem dissemos e voltamos a repetir que os retardatários ainda estão a tempo de concorrer ao nosso grande concurso «A Mulher no Trabalho». Para conceder centenas e centenas de prémios que nesse sentido nos foram endereçados, organizámos um serviço especial de venda de cadernetas completas — ou seja com as 45 figuras do concurso. Até 31 do corrente, pode toda a gente que o deseje tomar parte no nosso concurso, pois nesse dia termina o prazo para a recepção de cadernetas.

A grande exposição dos prémios  
Tudo se prepara para que se assista de extraordinário brilho à exposição de prémios do nosso concurso que dentro de alguns dias vai ser inaugurada. Nessa

bididade, visto tratar-se de emprego de pouca categoria e á margem do trabalho regulamentado.

São dezenas e dezenas de casos, uns mais eloquentes do que outros, mas todos reveladores de uma lamentável especulação com que é preciso terminar!

Dentre as inúmeras cartas, de leitores, que temos recebido sobre este assunto, destacamos este expressivo trecho de uma: «Pus anúncio num jornal a pedir emprego. Tenho vinte e cinco anos e poucas habilitações porque os meus pais morreram era eu muito novo e não passei da instrução primária. Vivio nos arredores de Évora, mas a vida de moço de lavoura não me agradava. Vim para Lisboa e trabalhei em várias garagens de onde saía quando já não era preciso.

Apareceu-me outro dia uma resposta ao anúncio. Ofereciam-me trezentos escudos como ajudante de motorista numa casa particular dos arredores de Lisboa. Davam-me de almoço. Mas em troca exigiam 10 contos de gratificação! Se eu tivesse dez contos não andava  
(Continua na 3.ª pág.)

## UMA FORTUNA GANHA A «FABRICAR» A BELEZA DAS MULHERES DE TODO O MUNDO

«Atenção, senhoras. Conto partir para Paris na próxima semana. Eis as minhas últimas instruções...»  
A mulher que dá assim as suas

ordens, numa voz autoritária, com uma segurança verdadeiramente masculina é uma sexagenária loira, pequena, muito pequena, mesmo, mede apenas um metro e 35 centímetros.

Justamente com Bárbara Hulton esta é a mais célebre mulher de negócios dos Estados Unidos. Ganhou uma fortuna colossal — avaliada em 238.000 contos — a espalhar por todo o Mundo pó de arroz, haton, cremes, perfumes que se vendem em 78 países. E' Elizabeth Arden.

Sete andares de labirintos onde se arranjam e refazem belezas desde dois anos e meio até 85 anos. Ali, as mulheres são friccionadas, almoçadas, polvilhadas, perfumadas e até mesmo vestidas por António Castillo, «de Paris».

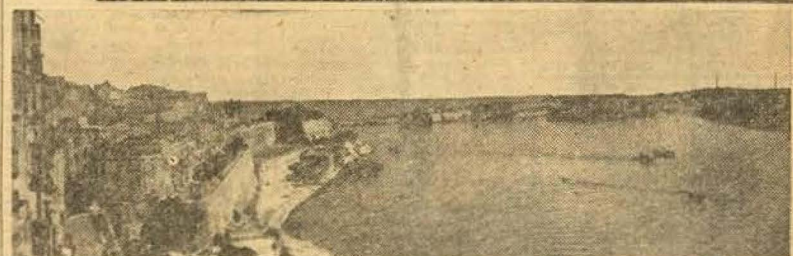
Em vinte cidades dos Estados Unidos há «Institutos Elizabeth Arden» semelhantes e há também mais 15 na Europa, na América do

(Continua na 3.ª pág.)



O magnífico «Ford-Anglia», 1.º prémio do nosso concurso

## AS GRANDES REVELAÇÕES DOS GENERAIS ALEMÃES — (4) HITLER NÃO ACREDITAVA NA EFICIÊNCIA DAS TROPAS AÉRO-TRANSPORTADAS NÃO ADMITIA AS RETIRADAS ESTRATÉGICAS NEM CONFIAVA NA ESQUADRA ITALIANA



Um aspecto do porto de Malta que Hitler não tentou invadir por não confiar na esquadra italiana

O capitão Liddell Hart, distinto cronista inglês, que entrevistou mais de cem generais alemães, fala-nos hoje da acção das forças aero-transportadas e especialmente da campanha do Norte de Africa, registando as opiniões de Student e Thoma.

Student fez também a revelação surpreendente de que Hitler não era por forma alguma favorável ao golpe que capitou Creta. «Ele queria abandonar a campanha dos Balcãs depois de ter atingido o Sul da Grécia. Quando ouvi isto fui a correr de avião avistar-me com Goering e propus-lhe o plano da tomada de Creta por forças paraquedistas apenas. Goering foi rápido no estudo das possibilidades dessa ideia e enviou-me a Hitler. Avistei-me com este no dia 21 de Abril. Quando expliquei o projecto, pela primeira vez, Hitler disse: «Soa bem mas não creio que isso seja praticável. Eu, porém, consegui convencê-lo no final.

Na tomada de Creta as nossas perdas foram pesadas — 4.000 mortos e desaparecidos, além dos feridos, tendo em conta que o numero total de homens empregados foi de 20.000. Uma grande parte das perdas foi devida a má preparação — pois Creta era muito difícil para aterragens. Além disso os tanques britânicos, aliás pouco numerosos, que lá se encontravam, abalaram-nos muito no principio. Felizmente que eles não eram mais de 2 duzias. A infantaria, na maioria constituída por neozelandeses, opôs uma enérgica resistência, embora tenha sido tomada de surpresa. O «Fuehrer» ficou muito des-

(Continua na 3.ª pág.)

## COMITÉ PERMANENTE DE HIGIENE PUBLICA

Foi nomeado o Sr. António Augusto Corralho Dias, delegado do Governo português à sessão do Comité Permanente de Higiene International d'Hygiène Publique, em Paris.

## PEÇO A PALAVRA DIALECTICA

peço prof. DELFIM SANTOS

João Paulo Sartre, o grande nome da filosofia e da literatura contemporâneas em França, em ensaio-manifesto publicado na revista «Tempos Modernos», traça a diagnose da crise da vida e do ensaio actual em termos claros, sugestivos e convincentes. E' talvez oportuno relatarmos a sua convicção eminentemente verossímil, se não for mesmo realmente verdadeira.

Para Sartre, o método de pensamento que tudo pretende compreender pela análise, e que historicamente tem a sua fundamen-

Pelo  
CAPITÃO LIDDELL HART  
Exclusivo em Portugal  
do «Diário Popular»

gostoso com as fortes perdas sofridas e tirou a conclusão que o valor da surpresa passara. Depois disso ele disse-me muitas vezes: «A época das tropas paraquedistas já passou. Ele não queria acreditar nas notícias de que os britânicos e americanos estavam a treinar tropas paraquedistas. O facto de não terem sido empregadas tropas dessas no arado a Dieppe confirmou a sua opinião. Ele disse-me: «Como vê, não estão. Eu tinha razão». Só mudou de opinião depois de os aliados terem conquistado a Sicilia em 1943. Voltando aos acontecimentos de 1941 Student disse: «Quando consegui que Hitler accedesse ao plano de Creta, propus também que deveríamos seguir a conquista de Chipre pelo ar e depois ir mais aliá ainda e saltar  
(Continua na 3.ª pág.)

Foi nomeado o Sr. António Augusto Corralho Dias, delegado do Governo português à sessão do Comité Permanente de Higiene International d'Hygiène Publique, em Paris.

ESTE NUMERO  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

CRONICA DO ULTRAMAR

MOÇAMBIQUE E O PROBLEMA AÇUCAREIRO

É este o título de um notável estudo económico recentemente publicado pela Sena Sugar Estates, Ltd., a maior empresa que em Moçambique explora a industria açucareira. No ano de 1943 produziu 56.253 toneladas numa produção total da colónia de cerca de 85.400 toneladas. As outras empresas que se dedicam a esta actividade são a Incomati Estates Ltd., a Companhia Colonial do Buzi, a African Agricultural Estates, a Mutamba Sugar Estates e António Teixeira Dias.

Neste trabalho, apresentado àquella sociedade e por um estudioso dos problemas de Moçambique, como informa a nota prévia, analisa-se o problema açucareiro nos múltiplos aspectos que apresenta, quer na economia interna quer no mercado mundial. Faz-se a história da depressão de industria açucareira e da politica seguida em Portugal desde 1920 até o presente. Expõem-se, depois, os problemas do futuro, apreciando-se as questões relativas à protecção pautal e ao aspecto fiscal. No parágrafo 22 do capítulo IV toca-se num importante assunto: o alargamento do consumo do açúcar. Por se tratar de matéria que merece consideração essencial, visto estar intimamente ligada aos grandes problemas coloniais, e económicos e sociais do Império, parece-nos útil referir aqui alguma coisa do que ali se escreveu.

Regista-se logo de início que a capitação portuguesa de consumo é muito baixa ainda — baixa em absoluto, baixa na comparação com a dos outros países». Seguem as cifras elaboradas por P. O. Licht, no ano cultural de 1937-1938 Portugal ocupava um dos últimos lugares do quadro das capitações de consumo de açúcar em vários países. A seguir de Portugal (9,8 quilogramas por habitante), apenas se encontram, em ordem decrescente, a Itália, Índia, Turquia, Jugoslávia, Roménia, Bulgária e Java. Em 1940 uma população de 7.185.143 almas só consumiu 74.293 toneladas, o que representa um gasto de 10,34 quilóg. por cabeça.

No que respeita à evolução do consumo do açúcar no País vê-se que nos últimos 60 anos a capitação passou de 4,38 quilóg. em 1878 para 10,34 quilóg. em 1940. «Se a evolução portuguesa tivesse seguido a linha média geral da Europa entre 1911 e 1945, a população da Mãe-Pátria reclamaria hoje 94.178 toneladas de açúcar. Está longe ainda dessa cifra».

O autor entende que destes numeros se tiram duas conclusões: a lenta tendência da população portuguesa para melhorar a sua

DR. ARMANDO NARCISO RETOMOU A CLINICA Restauradores, 48-1. MORADIA EM SINTRA Vende-se, nova, 1. comod, 30 div., jardim, Av. Gomes Amorim, 3.

Maria Teresa Tendo regressado de Paris tem o prazer de informar as suas Ex.ªs Clientes que apresenta a partir de 2.ª feira 28 a collecção de CHAPEUS MODELOS que ali foi escolher nas principais casas, e que representam a ultima moda da capital franceza Rua Alexandre Herculano, 23, 2.ª

IMPERMEABILIZAÇÕES DE GABARDINES E TODO O VESTUÁRIO CONTRA A CHUVA FÓRMULA QUIMICA INGLESA Serviços «CORA» Secção anexa á Alfaiataria de ANGELO SOARES RUA DA PRAÇA, 136, 8/L — TELEFONE 31232

Luca, a Luca "MURO DO DERRÊTE"

Termina amanhã a Feira das Mercês. A tradicional feira, a meia hora de Lisboa, na linha de Sintra, foi, durante largo tempo, um dos quadros de costumes mais pittorescos dos subúrbios alfacinhos. E digo foi porque, infelizmente, a onda de descaracterização que vem subvertendo tudo, sob a flamejante capa do progresso, não poupou também, em grande parte, a velha feira que constituia, anos e anos, um ponto obrigatório, não apenas da gente dos arredores de Lisboa, mas da fina flor da estirpe alfacinha. Sem dúvida que continuam a aparecer as barracas de bugigangas e de acomes e bebidas; o vinho não falta; o bulício também não; mas a aquarela dos costumes e dos trajos, essa, não existe hoje, por assim dizer, nem perdurará no museu das velhas recordações. Um dos aspectos mais curiosos da Feira das Mercês era o chamado «Muro do Derrête». Constituía mesmo a sua nota característica. O «muro do derrête» não dou por certo, novidades a muitas pessoas) consistia num pequeno muro tradicional em que as raparigas, na idade de casar, se sentavam, esperando que os rapazes — os «D. Juansolinhos de casaco de briche e varapau ferrado — estivessem mirá-las, examiná-las, piscar-lhes o olho, numa palmeira ecolh-lhes o nariz, com a cara. Eram as vezes vinte, trinta, quarenta, empoleiradas naquele muro de ilusões, esperando como grandes e ingénuas bonecas, de carapuzos de veludo preto e de botas de morraquim vermelho, que as abejas a desejado seja de Cupido. Os rapazes iam passando; paravam de frente de uma, de frente de outra; sorriam; cochichavam; faziam sinais; e agora esta, logo aquela, iam saltando do muro, alegres, risonhas, felizes. Os narizes ao ar, como se o próprio Deus as levasse. Tudo isto, que a alguns parecerá estranho, não representava afinal mais do que uma reminiscência da antiga forma de aquisição da mulher feita pelo homem, na mesma feira e com a mesma espada utilitária, que os escolhera qualquer outro objecto de uso doméstico. O muro do derrête ainda lá está; a instituição, porém, acabou. O namora substituiu a compra; e a estrada substituiu a montia. As raparigas já não carecem de se empoleirar para que o Amor as escolha e os leve. O meu amigo Leal da Camara que é uma espécie de presidente da república daquelles sitios que um dia reaviver a tradição, instituiu de novo o «muro do derrête» como preliminar do casamento nos seus domínios. Eu próprio lá fui, uma tarde, em missão de propaganda constitucional, aliás mais etnográfica do que politica. Pouco se conseguiu de positivo. Ainda não há muito, Leal da Camara, ao referir-se no caso, me confessava, desolado: — O muro ainda existe, — mas o derrête foi-se...

Luis de Oliveira Guimarães

BOX Eclarecimento ao publico A ORGANIZACAO RECORD apesar de só ter anunciado a sessão de «box» do dia 25, depois de ter tomado todas as precauções para assegurar a chegada dos «boxeiras» espanhóis com a devida antecedência, não conseguiu logrados os seus desejos por varias razões que oportunamente comunicará ao publico. Trabalhava, no entanto, chegou de avião, a Federação Portuguesa de «Box» está investigando aquellas razões junto da Federação espanhola e a sessão só será annunciada depois da chegada dos «boxeiras» a Lisboa, o que se espera que aconteça na próxima segunda-feira, 28 do corrente. A venda de bilhetes continua, e o publico que não concorde com o adiamento pode receber a importância dos seus bilhetes na bilheteira do Estádio Mayer, das 14 ás 20 horas.

PELARIA ARMINHO Roupas, casacos, peles soltas e transformações RUA 1.ª DE DEZEMBRO, 31-1.º

DIALECTICA

(Continuação da 1.ª pag.)

Quando se processo universal de compreensão, perturba e aniquila o fundamental do objecto que é submetido a tal processo. E' claro que há uma geometria analítica de fundas, úteis e fecundas applicações, como também uma análise química de proveitosos resultados, etc., etc. Tudo isso é reconhecido por todos, e ninguém vem em duvida a importância de tal método de saber applicado a esses e outros aspectos da realidade. O que se põe em duvida é, de facto, por tal método ser reconhecidamente util e fecundo nesses domínios, se poderá applicar a outras realidades que não pertencem ao domínio do inerte, como as cidadãs.

Segundo Sartre — e há muito tempo que outro vive afirmando o mesmo — este aspecto de excessivo europeu, e predominantemente o pensamento francês, desfigura as realidades a que se applica, quando ellas não são apenas figuras ou configurações estruturais de elementos perfeitamente analisáveis. Ora, há uma barreira para a applicação do método analítico que foi atrevidamente transposta;

ELIZABETH ARDEN

(Continuação da 1.ª pag.)

Sul, no Canadá, na Austrália e até em Honolulu. Na sala-gabinete, de paredes suaves e brancas que fazem lembrar uma sala de operações e onde todas as empregadas estão vestidas de branco, a «patroa» examina os colaboradores: «Apenas quero redar-me de pessoas capazes de fazerem impossiveis».

E a colmeia está activa. Na «sala das massagens», as clientes, com tão pouca roupa como a nossa mãe Eva, são «amassadas» por raparigas jovens e encantadoras. Depois há o salão «48», reservado ao «creche». E' uma sala de 28 metros de comprimento onde há dezenas de divãs. Ai, as clientes são transformadas, quase feitas de novo, segundo os processos de Elizabeth Arden. Depois de passarem por um banho de vapor a 65 graus, sofrerem massagens, passarem por um banho de lama e por um duche são cobertas com uma espessa camada de creme que rejuvenesce os tecidos e enrija as carnes.

Há ainda a sala de «maquillage» onde, ao fim de meia hora, por 6 ou 8 dólares, qualquer cliente pode ficar parecida com Dorothy Lamour, Hedy Lamour ou Greer Garson.

E esta verdadeira fábrica de beleza deve-se a Elizabeth Arden, ou melhor a Florence Nightingale Graham — o verdadeiro nome da milionária — que de modesta enfermeira conseguiu, graças a 600 dólares que um irmão lhe emprestou, a ser uma famosa mulher de negócios.

Ainda hoje é ela quem escolhe os nomes dos seus produtos, as embalagens, etc.

Casou-se duas vezes. A primeira, por amor, com Tom Lewis, com quem viveu 15 anos. A segunda, apenas para arrastar uma rival; roubou a Helena Rubinstein o seu marido, o principe russo Miguel Evlanoff.

Entre estas duas mulheres trava-se um duelo há 25 anos. Além do marido, Elizabeth roubou os engenheiros e quimicos da sua rival. E espera derrotá-la definitivamente.

Esta famosa mulher de negócios vem agora á Europa inspecionar os seus institutos. Quer aumentar ainda a rede dos seus negócios porque, segundo ella diz: «As mulheres cada vez tem necessidade de ser mais belas».

CASA DA NAZARE A «Casa da Nazare», obra de assistência particular, instalada na rua de Santa Maria, 42, 2.ª Esq., e R. do Prior Costinhu, 46, commença hoje o primeiro anniversario da instituição da sua opela particular. Houve missa rezada ás 8 horas, missa solene ás 10. A' 18 horas há benção, fazendo-se depois a abertura do ano lectivo com uma sessão seguida de recitação e numero de musica pelas crianças que a «Casa da Nazare» recolhe e educa.

os processos de compreensão dos seres vivos e, portanto, do homem, não são susceptíveis de ser explicados pelas partes que os compõem, como a análise pretende.

O ser vivo é um todo, que tem de ser compreendido, para continuar vivo, total, estrutural e funcionalmente. Um homem não é composto de isto e daquilo, é sempre «todo um homem», como diria Unamuno. Como homem manifesta-se em correlção com as situações em que a vida o coloca, reage não em consequência de prévias análises do seu viver emotivo, comporta-se, no dizer de um dos mais notáveis biólogos da actualidade, como uma melodia que se canta a si própria.

A vida de um homem, a condição humana do seu agir, do seu trabalho e do seu ócio, das suas victórias e tristezas, do seu pensar claro e do seu sentir obscuro, das suas simpatias e antipatias, pelas coisas e pelos outros, do seu fazer e do seu silêncio, da sua attitudinosa e ansia de renovação, da sua generosidade e da sua mesquinhez, constitui um entrecruço de tudo e de nada, que se pode ser decomposto e analisado.

Em todos estes aspectos ineludíveis do complexo comportamento humano, a vida afirma-se dialecticamente, e é pela própria dialectica interior de cada um que o homem se distingue de todos os outros e de tudo, embora pela análise do que o constitui ele possa ser considerado igual a todos e a tudo. Para a compreensão do homem, admitindo a irredutibilidade de cada um a qualquer outro, não é o método de análise que serve, mas o processo dialectico de compreensão, — processo que não começa por destruir o que as coisas são para as compreendermos, mas que ellas não são. Analisemos uma obra de arte, é certo e sabido que o resultado dessa operação reduziu a «obra» ao que ella não pretendia ser, e a partir do qual ella não poderá nunca mais voltar a ser. Isto, que é intuitivo quando referido á obra de arte, ter-se-á de admitir com maioria de razão, como Sartre afirma, quando se trata do homem, da sua situação vital, do seu comportamento social em todas as formas do agir e do manifestar-se como ser vivo, nos planos de luz e sombra do seu dialectico existencial-mundo.

PEQUENOS EMPREGOS

(Continuação da 1.ª pag.)

lão aflito da vida á procura do primeiro emprego que appareça...

E' claro que a culpa não é só dos que assim exploram a necessidade alheia. Neste caso, por exemplo, que o nosso correspondente nos desculpe, mas bem poderia ter ficado na sua provincia, onde os cereleiros são fartos e a terra prospera. A miragem da cidade tem perigos de que são exemplo o caso acima. Mas há outros testemunhos de um abuso que vai pagando. Contatos outro leitor: «Respondi a um anuncio para praticante num escritório comercial. Fui lá falar a um senhor que me propôs entrar no dia seguinte se despoitasse vinte mil escudos de caução. Perguntei-se o lugar era de lidar com dinheiro. Disse-me que não mas que era preciso dar garantias. Não percebo quem tem de dar garantias, se quem precisa de emprego se quem não arranja... Como não arranjar os vinte mil escudos fui-me embora».

Eis dois exemplos típicos, dois casos apenas de um longo rosário. Como evitar estes abusos? E' difficil, senão impossivel, pois se verifica até, por vezes, a cumplicidade de aflitos dos próprios interessados. Quer-nos parecer, porém, que este género de indemnizações se poderia talvez evitar, pois, como se sabe, não tem qualquer justificação. Há ainda outros casos, como sejam os dos intermediários que pensam assim auferir bons contos de reis sem trabalho. E' este um outro aspecto do problema que vai assumindo proporções dignas de attenção. No espirito de colaboração que nos anima não deixaremos que nos fazer caso de reclamações tão justas e de protestos tão legítimos.